

***Dentro de mim há um só vácuo,  
um deserto, um mar nocturno.***

*Ode Marítima,*  
Poesias de Álvaro de Campos.

**FERNANDO PESSOA**

## **FICHA TÉCNICA**

**EDIÇÃO:** CESO CI Portugal, S.A.

**TÍTULO:** Portugal nas Transições – O Calendário Português desde 1950

**AUTOR:** Mário Murteira

**REVISÃO E PAGINAÇÃO:** Paulo Silva Resende

**CAPA:** Jorge Murteira (Fotos) e Álbio Nascimento / Kathi Stertzig (Design)

**1.ª EDIÇÃO**

**LISBOA, 2011**

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Publidisa

**ISBN:** 978-989-97308-0-9

**DEPÓSITO LEGAL:** 326687/11

**© PROFESSOR DOUTOR MÁRIO MURTEIRA**

**PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO**

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, porta C — 1700-116 Lisboa

[www.sitiodolivro.pt](http://www.sitiodolivro.pt)

**PORTUGAL**  
nas  
**TRANSIÇÕES**

**O CALENDÁRIO**  
**PORTUGUÊS**  
**DESDE 1950**

**Mário Murteira**



## NOTAS PRÉVIAS

1. Há 30 anos nasceu o Projecto empresarial “CESO” (Centro de Estudos Economia e Sociedade). Tive a honra de partilhar com o meu grande Amigo Mário Murteira o lançamento desta iniciativa. Hoje, este projecto está consubstanciado no Grupo CESO CI, a que presido. Mário Murteira é o Presidente da Assembleia Geral da principal empresa do Grupo, a CESO CI Internacional, com actividade desenvolvida em 102 países.

2. Para assinalar estas três décadas de existência, decidi o Grupo retomar uma das actividades que estiveram na sua origem: edição de livros, documentos e revistas. A principal publicação editada na altura foi, precisamente, a revista “Economia e Sociedade”, de que Mário Murteira foi o único Director.

Esta tradição, que marcou a reflexão nacional sobre o desenvolvimento português durante a década de 80 e primeiro quinquénio dos anos 90, e sobre a nossa posição na economia mundial (ainda não global), vai ser agora retomada. Hoje, mais do que nunca, precisamos de pensar e construir um Futuro diferente, em todo o lado.

3. A CESO CI Portugal, empresa do Grupo cuja actividade se concentra no nosso País, vai passar a editar uma Colectânea de Livros, Documentos e Relatórios Técnicos, constituindo um espaço de divulgação do pensamento e do trabalho que se desenvolve no seio do Grupo,

mas aberto a outras colaborações. Esta Colectânea recupera a denominação “ Economia e Sociedade”.

4. O número inaugural desta Colectânea é este Livro de Mário Murteira, com o tão oportuno titulo “Portugal nas Transições”. Imagina o Leitor a honra e o prazer que nos dá esta circunstância – a mim, e a todos os que, no âmbito do Projecto CESO, temos tido o prazer de caminhar com o Mário ao longo de tantos anos. Ficamos gratos, para sempre, a este Amigo, por nos ter dado a oportunidade para que tal aconteça, ao concordar em que este seu trabalho inicie a Colectânea.

5. Não é meu propósito apresentar o Autor, que não precisa que o faça, pois de há muito que é um dos raros Economistas portugueses que sempre fugiu à mediocridade reinante dos “economistas” comentadores e analistas que, para benefício próprio, ou dos seus “patrões”, têm tido grande responsabilidade no descaminho e no descrédito de Portugal, sem contributo visível para a Riqueza Nacional. Também não apresento o Livro, pois o melhor é proceder à sua leitura e, principalmente reflectir bem, nestes escuros dias em que vivemos, sobre o que nele está escrito.

6. Estamos sempre em “Trânsito” para qualquer destino – as pessoas, o conhecimento, as organizações, as empresas, as economias, as culturas e o próprio pensamento. Estamos sempre a caminhar. Quando tal deixa de acontecer é porque o fim está próximo. Há agora quem nos queira fazer parar, por asfixia, perante a quase total inanição dos políticos, empresários, académicos, jornalistas e similares, cujo comportamento é de verdadeiro *hara-kiri* nacional. Isto acontece, quando estamos numa União (?) Europeia, sem liderança e credibilidade, tanto a nível institucional, como nacional. O que se passa neste “velho”, e agora “triste” continente, é arrepiante. Já não é

somente a reposição anacrónica das anti-científicas teses neoliberais, responsáveis, de forma impune, pelo brutal descalabro da economia global. É a emergência de uma espécie de “nacionalismo económico”, que parece querer impor uma “velha nova-ordem” ao continente, tendo o “euro” como garrote.

Pertencemos a este continente, mas o nosso Futuro está mais fora dele do que nele. Temos de nos fazer ao Mar, uma vez mais, e navegar para onde for preciso, onde se falem mais as línguas latinas e menos as anglo-saxónicas, seja a nível político, cultural e, principalmente, económico. É imperativo nacional que nos reunamos em torno de um Projecto exequível, que nos permita navegar em segurança e de forma sustentável. Afundarmo-nos em terra e no mar seria fatal.

Como tão bem disse Séneca: “A Coragem conduz às Estrelas e o medo à morte”.

*Lisboa, 16 de Abril de 2011*

**Américo Ramos dos Santos**

*Professor Catedrático(Aposentado) da UTL*

*Presidente do Grupo CESO CI*



# ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO</b> . . . . .	13
<b>PREFÁCIO</b> . . . . .	17
<b>I – TRANSIÇÕES EM CONTEXTO DE CRISE</b> . .	19
1 – As «transições» em curso . . . . .	19
2 – A recente «crise» global . . . . .	31
3 – Novas oportunidades? . . . . .	35
<b>II – ANOMALIAS DO CALENDÁRIO PORTUGUÊS</b>	39
4 – O calendário português desde 1950 . . . . .	39
<b>III – PORTUGAL NO SISTEMA MUNDIAL</b> . . . .	61
5 – A configuração do sistema económico português . .	61
6 – Demografia, migrações e emprego no contexto português . . . . .	75
<b>III – PORTUGAL NO SISTEMA MUNDIAL</b> . . . .	79
7 – Da consciência do «atraso» à questão ideológica nacional . . . . .	79
8 – A descolonização portuguesa e a emergência das novas nações africanas . . . . .	88
9 – O posicionamento de Portugal no sistema mundial	104

<b>IV – OS FUTUROS NO SÉCULO XXI . . . . .</b>	<b>111</b>
10 – Uma «explicação» do atraso português . . . . .	111
11 – Cenário I	
Integração na deriva periférica . . . . .	123
12 – Cenário II	
Identidade própria e valorização da diferença . . . . .	126
<b>V – CONCLUSÃO</b>	
Entre o possível e o provável . . . . .	145
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . .</b>	<b>150</b>
<b>POST-SCRIPTUM 2011, em plena «crise». . . . .</b>	<b>153</b>
<b>ANEXO ESTATÍSTICO . . . . .</b>	<b>158</b>

## APRESENTAÇÃO

Neste ensaio, convido o leitor para uma leitura aprofundada, embora sintética, do trajecto da economia e sociedade portuguesas desde 1950, que concluo com uma reflexão final sobre a presente conjuntura económica e política, à entrada deste problemático século XXI.

Trata-se de um período relativamente breve da História portuguesa, e da História da humanidade no seu todo, caracterizado por grandes discontinuidades e também algumas «novidades» fundamentais, em particular no domínio do conhecimento. O ritmo de mudança socio-cultural acelerou-se, como se o presente fosse cada vez mais atraído pelo grande «buraco negro» do futuro.

Mas dispomos, hoje, de uma capacidade extraordinária de acumular e gerir conhecimento, o que resulta da disponibilidade de novas e poderosas tecnologias para esse efeito. Dispomos, pelo menos para os mais curiosos e nisso interessados, de espelhos múltiplos para observar a grande viagem destes tão complexos habitantes do planeta Terra. Este facto significa que o nosso «olhar» pelo mundo circundante pode hoje penetrar, como nunca antes, na intimidade desse mundo. Quero dizer com isto que temos possibilidade de conhecer em profundidade não só as múltiplas dimensões da realidade em que vivemos, como ainda de reconstruir o trajecto temporal dessa mesma «realidade», pelo menos na sua evolução mais recente, sem entrar agora na discussão do próprio conceito de realidade.

Estamos assim em condições de comparar o «presente» com múltiplos «passados», datados conforme a metodologia seguida na nossa

análise. Ou, ainda, habilitados para conhecer com a objectividade possível, o «donde vimos» e «onde estamos».

Quanto ao «para onde vamos», estamos porventura mais inseguros do que nunca, tratando-se de personagem menor e periférica do sistema mundial, como é o caso de Portugal. Ainda assim, podemos conceber diferentes cenários para o futuro, que nos irão auxiliar a aproximar um futuro «possível» do futuro «desejável». Tal como procurei fazer neste ensaio.

Como autor, devo partilhar algumas ideias principais que resultaram deste exercício de interpretação de sessenta anos da nossa História mais recente.

É um privilégio, e também uma perigosa tentação, ter sido simultaneamente actor e observador de determinado fluxo de acontecimentos, incluindo momentos dramáticos da História portuguesa de que este livro se ocupa. Tanto mais que, inevitavelmente, a interpretação em tempo real, algumas vezes simultânea da acção, é vista décadas mais tarde com novos óculos. Ou uma nova «visão» dos acontecimentos, em sentido que é explicado no texto.

Se aquilo a que chamo «conjuntura ideológica», de uma maneira ou outra, sempre condiciona essa visão, a coincidência do facto histórico e a vivência do mesmo podem igualmente permitir – buscando cuidadosamente o que guardamos na memória – a compreensão ou entendimento mais profundo do que aconteceu. Sobretudo quando é possível enriquecer a experiência pessoal com o conhecimento acumulado e codificado dos possíveis sentidos da História que vamos testemunhando.

A crónica portuguesa no período considerado revela, além do mais, o contraste entre o «presente» de várias formas fechado sobre si mesmo, mas sempre sonhando com possíveis futuros deslumbrantes, e o outro «presente» a que mais recentemente nos habituámos, escancarado perante os ventos de fora, mas triste e angustiado na consciência da distância entre o que se atingiu e tudo o que ficou por alcançar.

No entanto, creio que existe aqui um *gap* geracional que se traduz num fosso separando pessoas de diferentes gerações com também diferentes interpretações sobre o presente e os futuros de Portugal.

Para os que só chegaram à idade adulta depois de 1974, não fará grande sentido comparar o presente com a sociedade portuguesa do tempo da ditadura. Mas faz todo o sentido problematizar o presente «atraso» de Portugal, ao menos tentando vislumbrar caminhos pessoais para não ser vítima desse atraso. O que pode significar, simplesmente, procurar outro lugar para atingir os objectivos dum projecto de desenvolvimento pessoal.

No meu caso, não escondo que este ensaio foi afinal uma tentativa de encontrar, não o «sentido da História», que há muito desisti de procurar, mas o sentido possível «desta» História do país em que tenho vivido, e de que tenho alguma consciência activa desde meados do século passado.

Passagens deste ensaio foram lidas e comentadas por colegas e amigos que muito estimo: agradeço em particular a Manuela Silva, José Manuel Rolo, Carlos Gonçalves e Paulo Bento. Nem sempre pude seguir as suas sugestões ou comentários. Nem tão pouco dos meus filhos Jorge (antropólogo) e Maria Helena (historiadora). Agradeço ainda ao colega Cruz Filipe, além do mais, por me ter conduzido à conferência de Antero de Quental sobre «Causas da Decadência dos Povos Peninsulares». Agradeço também a generosa colaboração de Jorge Murteira, Kathi Stertzig e Álbio Nascimento na feitura da capa.

Todavia, nenhum deles poderá ser responsabilizado pelas afirmações contidas no livro: disso sou o único culpado.

Tal como, no fim de contas, o único juiz...

**Mário Murteira**

*Vivenda «Paragem de Máquinas»*

*Mucifal – Colares*

*Dezembro de 2010*